Aula 2

A METALINGUAGEM NA POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

META

Apresentar a obra poética de João Cabral de Melo Neto – caracterizando-a como poesia da linguagem.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Realizar análises de poemas de João Cabral, a partir de uma ótica metalingüística;
Relacionar a obra cabralina ao contexto histórico-cultural da época.

.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura prévia das aulas de Literatura Brasileira III, disponíveis nos cadernos do EAD-CESAD e leitura da 1a aula de Literatura Brasileira IV.

José Costa Almeida

João Cabral de Melo Neto . (Fonte: http://1.bp.blogspot.com).

INTRODUÇÃO

Caros alunos,

A política desenvolvimentista que foi posta em prática, na segunda metade do século XX, pelos governantes brasileiros, proporcionou um novo visual nas grandes metrópoles, principalmente, no Rio de Janeiro e São Paulo. Projetos urbanísticos surgiam a cada momento para respaldar o crescimento vertiginoso dessas cidades, edifícios, construídos de concreto, se elevavam realçando a atividade dos novos artistas: engenheiros e arquitetos. Isso vai fornecer motivos recorrentes a obra de João Cabral. Sintonizado com esse momento histórico, o poeta constrói uma obra profundamente reflexiva que o destaca da mediania da poesia da chamada "geração 45" na qual Cabral só se insere, cronologicamente.

São Paulo na década de 1950. (Fonte: Nosso Século. São Paulo: Abril Cultural, vol 4).

A METALINGUAGEM NA OBRA POÉTICA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Pelo menos, desde a formulação teórica das funções da linguagem por Roman Jahdison que o termo metalinguagem ou função metalinguística é utilizado frequentemente tanto na linguística como nos estudos literários para nomear a preocupação em descrever atos de linguagem. No caso de Cabral essa é a motivação criadora fundamental. As palavras, as frases são submetidas a uma operação desconstrutiva em relação a seus usos mais constantes, as suas significações automatizadas, mesmo a nível artístico, para desvelar suas realidades concretas de linguagem.

O crítico João Alexandre Barbosa assim se pronuncia

> Não que em autores do passado não se possa constatar a preocupação referida; o básico, para o caso, é que, deixando de ser apenas um dado para a realização poética, a vinculação entre significante e significado se faça, por assim dizer, uma estratégia de criação textual. Em que a linguagem, descartada de suas funções emotivas ou apelativas, esteja submetida a uma incessante operação metalinguística, isto é, aquela em que, dobrada sobre si mesma, conduz o leitor, ou aquele que fala, para a teia dos interrogantes acerca do próprio código utilizado.

É com base nessas afirmações que vamos ler a obra de Cabral. Vamos perceber que esse trabalho obsessivo em torno da linguagem não eliminará outras temáticas, outras preocupações, nem tão pouco deverá sugerir que essa seja uma poesia alienada, uma "arte pela arte". Ao contrário, estamos tratando de uma obra profundamente engajada na libertação do homem, do nordestino, de suas misérias e de sua relação alienante com o mundo e com a linguagem.

Vamos ler e analisar alguns poemas representativos da obra cabralina.

TEXTO 1

O ENGENHEIRO

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras
superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.
Em certas tardes nós subíamos
no edifício, a cidade diária,

como um jornal que todos ligam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro.

A água, o vento, a claridade,
de um lado o rio, no alto nas nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples.

Esse poema faz parte da obra de mesmo nome que reúne produções de 1942 – 1943. Portanto, um dos primeiros livros publicados pelo poeta, exatamente o segundo. João Cabral começa com este livro a trilhar o seu caminho de poeta da lucidez. E a obra de engenharia, de arquitetura não aparece por caso, mas de caso pensado, o poeta é um engenheiro. É um artesão que de estruturas simples e arejadas constrói um edifício uma obra. As palavras presentes no texto não se relacionam ao ato de sonhar "o sonho do engenheiro" e sim a objetos concretos com os quais o sonho é concretizado.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:

O poema, a arte da linguagem, não reproduz elementos da natureza, da realidade, ao contrário, cria um novo artefato que se soma ao mundo natural, como o edifício. Aqui, como vários outros poemas, o poeta faz apologia à lucidez, à criação rigorosa, ao trabalho consciente do artista. A obra literária não é produto da improvisação, do devaneio, da mera confissão sentimental. Pelo contrário, tudo tem que passar por um processo de depuração, de transformação. É o trabalho do artista: transformar sentimentos, vivências, emoções em obras duradouras; assim como o engenheiro transforma projetos, cimento, tijolos, vidro em um grande edifício. Essa proposta poética vai orientar toda a poesia de João Cabral de Melo Neto.

ATIVIDADES

TEXTO 2

MORTE E VIDA SEVERINA
(O retirante explica ao leitor quem é e a que vai)

– O meu nome é Severino
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos
(que é santo de romaria)

deram então de me chamar
Severino de Maria.
Como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da Serra da Costela,
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco.
Se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino,
filhos de tantas Marias,
mulheres de outros tantos
já finados Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda, em que eu vivia.

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que é a custo que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais porque também o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual:
mesma morte severina.
Que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia.
(De fraqueza e de doença

é que a morte severina
ataca em qualquer idade
e até gente não nascida.)

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar
algum roçado de cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

COMENTÁRIOS ANALÍTICOS

Faça um comentário analítico desse trecho do poema – *auto de natal pernambucano*.

Descreva e interprete esse singular processo de identificação.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Esse poema / auto de natal revela um outro modo do trabalho com a linguagem. Aparentemente mais social do que outras obras do poeta e a metalinguagem parece se situar a um plano segundo. Mas observe como o autor parte do geral para o particular. Como a palavra / nome próprio. Severino é identificação generalizada do nordestino / retirante e como para a individualização o espectador é inserido e exigido, como elemento decisivo:

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

Um dos momentos marcantes na obra de João Cabral é a publicação do poema *Uma Faca só Lâmina* (ou *Serventia das Ideias Fixas*) – 1955. Um longo poema de 352 versos em que o poeta define definitivamente um modo de vida e um ideal de poesia. E um aspecto está tão entranhado no outro que impossível é separá-los. A vida e a poesia se revelam como faces de um mesmo procedimento.

Vamos conhecer o último bloco de estrofes desse poema – identificado por I:

TEXTO 3

ESSA LÂMINA ADVERSA

Essa lâmina adversa,
como o relógio ou a bala,
se torna mais alerta
todo aquele que a guarda,

sabe acordar também
os objetos em torno
e até os próprios líquidos
podem adquirir ossos.

E tudo o que era vago,
toda frouxa matéria,
para quem sofre a faca
ganha nervos, arestas.

Em volta tudo ganha
a vida mais intensa,
com nitidez de agulha
e presença de vespa.

Em cada coisa o lado
que corta se revela,
e elas que pareciam
redondas como a cera

despem-se agora do
caloso da rotina,
pondo-se a funcionar
com todas suas quinas.

Pois entre tantas coisas
que também já não dormem,
o homem a quem a faca
corta e empresta seu corte,

sofrendo aquela lâmina
e seu jato tão frio,
passa, lúcido e insone,
vai fio contra fios.
De volta dessa faca,
amiga ou inimiga,
que mais condensa o homem
quanto mais o mastiga;

de volta dessa faca
de porte tão secreto
que deve ser levada
como o oculto esqueleto;

da imagem em que mais
me detive, a da lâmina,
porque é de todas elas
certamente a mais ávida;

pois de volta da faca
se sobe à outra imagem,
aquela de um relógio
picando sobre a carne,

e dela àquela outra,
a primeira, a da bala,
que tem o dente grosso
porém forte a dentada

e daí a lembrança
que vestiu tais imagens
e é muito mais intensa
do que pôde a linguagem,

e afinal à presença
da realidade, prima,
que gerou a lembrança
e ainda a gera, ainda,

por fim à realidade,
prima, e tão violenta
que ao tentar apreendê-la
toda imagem rebenta.

O crítico José Guilherme Merquior assim se refere a esse poema:

> Uma faca só lâmina retoma e desenvolve esse aprofundamento da problemática da autenticidade através do senso da abertura do homem ao ser, que já estivera no coração da Fábula (de Anfion). A eticidade da exigência de lucidez poética – a lucidez reclamada por motivos morais e não apenas intelectuais – e a fidelidade ao Alberto, são no fundo, a mesma coisa.

É o que diz a estrofe do poema final das Paisagens:

> Lúcido, não por cultura,
> medido, mas não por ciência:
> sua lucidez vem da fome
> e a medida, da carência.

O sentimento de carência é a forma moral da receptividade humana em relação ao processo de manifestação do ser. A fome é a base da lucidez, por o homem para conhecer, precisa do que lhe é exterior, depende de uma realidade improduzida por ele. Essa realidade é o fundamento de todos os entes, inclusive do próprio homem. Para chegar a ser, o homem necessita do ser. Por isso, a lucidez essencial não [e uma questão de cultura: mas uma questão prévia a toda a ciência – a questão da formação do homem]. Essa formação, o homem não pode deduzi-la de nenhum conhecimento. Mas tampouco pode separá-la do conhecer: porque ela depende da verdade da sua relação com o ser. A fome é, portanto, a um só tempo, ética e teórica, moral e intelectual.

Essa longa citação nos ajuda a entender a íntima relação entre a ética e a poética na obra de João Cabral. *Uma Faca só Lâmina* é uma faca que modela o comportamento do homem e que guia o poeta na busca do essencial, no trabalho de desenvolvimento da linguagem e de sua constante depuração.

> Em cada coisa o lado,
> que carta se revela
> e elas que pareciam
> redondas como a cera,
>
> despem-se agora dos
> nevoeiros da rotina,
> pondo-se a funcionar
> com todas suas quinas.

Esse poema é na verdade, uma poética: teoria da poesia. É um constante trabalho de desconstruir uma relação passiva entre o homem e a linguagem e indiretamente questionar as poéticas que referendam o convencionalismo no uso de procedimentos artísticos. E também uma ética: teoria do ser, do comportamento humano, da relação dos homens com os outros e com a natureza. Tudo deve se fundamentar numa atitude lúcida, justa e solidária.

Uma de suas obras mais importantes foi publicada em 1966. *A Educação pela Pedra.* Trata-se de um conjunto de 48 textos estruturados em duas tarefas. Nesse livro o autor atinge o ponto mais alto do seu poetar. Os temas são todos relacionados ao nordeste.

Vamos ler e analisar o poema que fornece também o título de toda a obra.

TEXTO 4

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

São várias as lições que o poeta capta da pedra, tradicionalmente, um objeto passivo, sem especiais belezas e utilidades. Esse texto revela de maneira clara como o artista se relaciona com objetos, aparentemente, sem importância e que adquirem funções inusitadas. A pedra leciona várias disciplinas, vários saberes: dicção: "voz inenfática e impessoal" – o poeta aprendeu essa lição e a põe em prática em seus poemas de impressionante objetividade, depurados de sentimentalismos e subjetivismos. Moral, "sua resistência fria"; "a de poética, sua carnadura concreta"; "a de economia, seu adensar-se compacta". Na verdade, na primeira estrofe, encontramos uma descrição da prática poética de João Cabral de Melo Neto que surge no livro *Engenheiro* e atinge seu ponto culminante na obra *A Educação pela Pedra:* poesia substantiva, busca do concreto, da essência das coisas, densa e denotativa. Mas também, a lição de ética: "sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser moleada. Como já foi afirmado por vários críticos, em J. C. M. N. a ética anda de mãos dadas com a poética.

ATIVIDADES

TEXTO 5

RIOS SEM DISCURSO

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

Leia atentamente esse poema e elabore um comentário analítico ressaltando os aspectos metalinguísticos:
- A relação entre poço e palavra;
- A relação entre rio e sintaxe.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

É esse mais um texto em que a linguagem e objeto se identificam profundamente. Tudo: na poesia de JCMN possui linguagem: a pedra, o rio, o ato de catar feijão.
"Catar feijão se limita com escrever".

Um dos momentos marcantes na obra de João Cabral é a publicação do poema *Uma Faca só Lâmina* (ou *Serventia das Ideias Fixas*) – 1955. Um longo poema de 352 versos em que o poeta define definitivamente um modo de vida e um ideal de poesia. E um aspecto está tão entranhado no outro que impossível é separá-los. A vida e a poesia se revelam como faces de um mesmo procedimento.

Vamos conhecer o último bloco de estrofes desse poema – identificado por I:

TEXTO 3
ESSA LÂMINA ADVERSA

Essa lâmina adversa,
como o relógio ou a bala,
se torna mais alerta
todo aquele que a guarda,

sabe acordar também
os objetos em torno
e até os próprios líquidos
podem adquirir ossos.

E tudo o que era vago,
toda frouxa matéria,
para quem sofre a faca
ganha nervos, arestas.

Em volta tudo ganha
a vida mais intensa,
com nitidez de agulha
e presença de vespa.

Em cada coisa o lado
que corta se revela,

e elas que pareciam
redondas como a cera

despem-se agora do
caloso da rotina,
pondo-se a funcionar
com todas suas quinas.

Pois entre tantas coisas
que também já não dormem,
o homem a quem a faca
corta e empresta seu corte,

sofrendo aquela lâmina
e seu jato tão frio,
passa, lúcido e insone,
vai fio contra fios.
De volta dessa faca,
amiga ou inimiga,
que mais condensa o homem
quanto mais o mastiga;

de volta dessa faca
de porte tão secreto
que deve ser levada
como o oculto esqueleto;

da imagem em que mais
me detive, a da lâmina,
porque é de todas elas
certamente a mais ávida;

pois de volta da faca
se sobe à outra imagem,
aquela de um relógio
picando sobre a carne,

e dela àquela outra,
a primeira, a da bala,
que tem o dente grosso
porém forte a dentada

e daí a lembrança
que vestiu tais imagens
e é muito mais intensa
do que pôde a linguagem,

e afinal à presença
da realidade, prima,
que gerou a lembrança
e ainda a gera, ainda,

por fim à realidade,
prima, e tão violenta
que ao tentar apreendê-la
toda imagem rebenta.

O crítico José Guilherme Merquior assim se refere a esse poema:

> Uma faca só lâmina retoma e desenvolve esse aprofundamento da problemática da autenticidade através do senso da abertura do homem ao ser, que já estivera no coração da Fábula (de Anfion). A eticidade da exigência de lucidez poética – a lucidez reclamada por motivos morais e não apenas intelectuais – e a fidelidade ao Alberto, são no fundo, a mesma coisa.

É o que diz a estrofe do poema final das Paisagens:

> Lúcido, não por cultura,
> medido, mas não por ciência:
> sua lucidez vem da fome
> e a medida, da carência.

O sentimento de carência é a forma moral da receptividade humana em relação ao processo de manifestação do ser. A fome é a base da lucidez, por o homem para conhecer, precisa do que lhe é exterior, depende de uma realidade improduzida por ele. Essa realidade é o fundamento de todos os entes, inclusive do próprio homem. Para chegar a ser, o homem necessita do ser. Por isso, a lucidez essencial não [e uma questão de cultura: mas uma questão prévia a toda a ciência – a questão da formação do homem]. Essa formação, o homem não pode deduzi-la de nenhum conhecimento. Mas tampouco pode separá-la do conhecer: porque ela depende da verdade da sua relação com o ser. A fome é, portanto, a um só tempo, ética e teórica, moral e intelectual.

Essa longa citação nos ajuda a entender a íntima relação entre a ética e a poética na obra de João Cabral. *Uma Faca só Lâmina* é uma faca que modela o comportamento do homem e que guia o poeta na busca do essencial, no trabalho de desenvolvimento da linguagem e de sua constante depuração.

> Em cada coisa o lado,
> que carta se revela
> e elas que pareciam
> redondas como a cera,

despem-se agora dos
nevoeiros da rotina,
pondo-se a funcionar
com todas suas quinas.

Esse poema é na verdade, uma poética: teoria da poesia. É um constante trabalho de desconstruir uma relação passiva entre o homem e a linguagem e indiretamente questionar as poéticas que referendam o convencionalismo no uso de procedimentos artísticos. E também uma ética: teoria do ser, do comportamento humano, da relação dos homens com os outros e com a natureza. Tudo deve se fundamentar numa atitude lúcida, justa e solidária.

Uma de suas obras mais importantes foi publicada em 1966. *A Educação pela Pedra*. Trata-se de um conjunto de 48 textos estruturados em duas tarefas. Nesse livro o autor atinge o ponto mais alto do seu poetar. Os temas são todos relacionados ao nordeste.

Vamos ler e analisar o poema que fornece também o título de toda a obra.

TEXTO 4

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

São várias as lições que o poeta capta da pedra, tradicionalmente, um objeto passivo, sem especiais belezas e utilidades. Esse texto revela de maneira clara como o artista se relaciona com objetos, aparentemente, sem importância e que adquirem funções inusitadas. A pedra leciona várias disciplinas, vários saberes: Dicção: "voz inenfática e impessoal" – o poeta

aprendeu essa lição e a põe em prática em seus poemas de impressionante objetividade, depurados de sentimentalismos e subjetivismos. Moral, "sua resistência fria"; "a de poética, sua carnadura concreta"; "a de economia, seu adensar-se compacta". Na verdade, na primeira estrofe, encontramos uma descrição da prática poética de João Cabral de Melo Neto que surge no livro *Engenheiro* e atinge seu ponto culminante na obra *A Educação pela Pedra: poesia substantiva*, busca do concreto, da essência das coisas, densa e denotativa. Mas também, a lição de ética: "sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser moleada. Como já foi afirmado por vários críticos, em J. C. M. N. a ética anda de mãos dadas com a poética.

TEXTO 5

RIOS SEM DISCURSO

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

Leia atentamente esse poema e elabore um comentário analítico ressaltando os aspectos metalinguísticos:
- A relação entre poço e palavra;
- A relação entre rio e sintaxe.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

É esse mais um texto em que a linguagem e objeto se identificam profundamente. Tudo: na poesia de JCMN possui linguagem: a pedra, o rio, o ato de catar feijão.
"Catar feijão se limita com escrever".
- João Cabral de Melo Neto
Nasceu em Recife em 09 de janeiro. Em 1945, ingressou na carreira diplomática e viajou por vários países. Publicou as seguintes obras: *Pedra do Sono* (1942), *O Engenheiro* (1945), *Psicologia da Composição* (1947), *O Cão sem Plumas* (1950), *Paisagens com Figuras* (1956), *Morte e Vida Severina* (1956), *Uma Faca sem Lâmina* (1956), *Quaderna* (1960), *Dois Parlamentos* (1961), *Serial* (1961), *A Educação pela Pedra* (1966), *Museu de Tudo* (1976), *A Escola das Facas* (1981), *Auto do Frade* (1984), *Agrestes* (1985), *Crime na Calle Relator* (1987), *Sevilha Andando* (1993) e *Andando Sevilha* (1989). Faleceu em 09 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

Vimos que a obra de João Cabral de Melo Neto não se enquadra na poética da "geração 45", marcada pelo conservadorismo estético. Pelo contrário, apenas cronologicamente ele pode ser relacionado àquela denominação. A obra de JCMN cria um percurso ímpar e profundamento moderno em termos literários. Preocupado em produzir uma obra auto-reflexiva, ele transforma cada poema num ato de pesquisa linguística que se funde com um estudo do ser. De acordo com José Guilherme Merquior, na poesia de Cabral o ato de escrever é, simultaneamente, uma busca da essência da linguagem, de sua verdade primeira e uma busca do humano, de sua relação com uma linguagem desalineante, corrosiva e cortante como uma "*Faca só Lâmina*". Comentando alguns poemas de épocas diferentes e percebemos como uma profunda coerência subjaz a todos eles. Podemos concluir que a obra poética de JCMN o eleva bem acima de seus contemporâneos e em companhia de poetas brasileiros, como: Drummond, Murilo Mendes e Cecília Meireles, isto é, na companhia de alguns dos maiores poetas do século XX.

RESUMO

O nosso estudo da obra de JCMN privilegiou uma dimensão fundamental de sua poética, reconhecida pelos críticos que se debruçaram sobre ela – a metalinguagem. Produzir estruturas linguísticas é também um modo de refletir sobre elas. De criar uma teoria do ato de escrever, do ato de pensar a relação entre o homem e a linguagem. Praticamente toda a obra madura do poeta fundamenta-se, como vimos, numa reflexão inquieta e questionadora sobre a poesia e sobre o material de que o poeta lança mão para construí-la.

PRÓXIMA AULA

A metalinguagem na poesia de Paulo Leminski.

AUTOAVALIAÇÃO

Experimente perguntar e responder a si mesmo(a):

-Reconheço os procedimentos metalinguísticos em cada texto estudado?
- Consigo explicitá-los no meu comentário?
- Deixo claro, no meu texto, a relevância da obra de João Cabral para o cânone literário brasileiro?

REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Alexandre. **A metáfora crítica.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira**: origens e unidade (1500 – 1960). São Paulo: EDUSP, 1999.

MELO NETO, João Cabral de. **Antologia poética.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MERQUIOR, José Guilherme. **A estética da mimese** (ensaios sobre lírica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

MORICONI, Ítalo. **Como e porque ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.